

**O DUPLO E A DUPLA: IDENTIDADE E (HOMO)EROTISMO NO CONTO
“MONGES”, DE JOÃO GILBERTO NOLL**

***THE DOUBLE AND THE DUO: IDENTITY AND HOMOEROTICISM IN THE TALE
“MONGES”, BY JOÃO GILBERTO NOLL***

Luiz Claudio Kleaim
Mestre em Letras
Universidad del Norte, Barranquilla, Colômbia
lkleaim@uninorte.edu.co / luizclaudiokleaim@yahoo.com.br

RESUMO: O presente trabalho busca estabelecer algumas conjecturas a partir da análise da narrativa do conto “Monges”, de João Gilberto Noll, tendo o tema do Duplo e do erotismo (e seus subtemas como identidade, clonagem e homoerotismo) como aspectos a serem observados. Para tal, faz-se uso de algumas obras, como as de Otto Rank, Paul B. Preciado, Zigmunt Bauman, Valquiria Padilha para se compreender as problemáticas referidas.

Palavras-chave: Literatura Brasileira. Narrativa contemporânea. João Gilberto Noll. Homoerotismo. O Duplo.

ABSTRACT: This paper seeks to examine the tale "Monges," by João Gilberto Noll, through the perspectives of the double and eroticism (and its subthemes such as identity, cloning, and homoeroticism). In order to do so, the theoretical framework is based on the considerations of Otto Rank, Paul B. Preciado, Zygmunt Bauman, and Valquiria Padilha.

Keywords: Brazilian Literature. Contemporary Narrative. João Gilberto Noll. Homoeroticism. The double.

A crítica literária contemporânea vem notando um caráter de fertilidade e de multiplicidade de estilos e de temas na ficção literária brasileira destas primeiras décadas do século XXI (RESENDE, 2008; CARNEIRO, 2005; SANTIAGO, 1989; SCHOLLHAMER, 2009). O namoro com e a influência de outras linguagens (como a publicidade, o cinema, a arquitetura, a internet, as ciências, as artes plásticas e a música) e o momento político-econômico por que passa o Brasil, além de outros fatores, como o favorecimento da produção por meio das novas possibilidades editoriais, têm promovido o aparecimento de jovens escritores, bem como o de novas formas de organização, de incentivos e de premiações, de eventos em que o autor é chamado a participar; o que tem permitido emergirem a fertilidade e a multiplicidade de linguagens e de formatos, bem como de novas vozes e discursos na cena literária nacional.

Trata-se de um pluralismo que tem se dado em decorrência de um acúmulo de manifestações diversas que propicia a existência de vozes diferenciadas e de, muitas vezes, reações variadas diante às formas homogeneizantes da globalização econômica e cultural (RESENDE, 2008, p. 20). Poderia se pensar em primeira instância que essa multiplicidade se remeta ao momento do pós-moderno por meio da substituição dos princípios das vanguardas modernistas, a um deslocamento em que múltiplas possibilidades de criação vêm se tornando evidentes por meio da sua expressão.

É nessa obliquidade dos discursos anti-hegemônicos que aparecem recursos que dão formas múltiplas à criação literária contemporânea: a) a apropriação irônica, debochada mesmo, em alguns casos, de ícones do consumo; b) a irreverência diante do politicamente correto; c) a dicção bastante pessoalizada, voltada para o cotidiano privado; d) a memória individual traumatizada, seja por momentos anteriores da vida nacional, seja pela vida particular; e) a arrogância de uma juventude excessiva; f) a maturidade altamente intelectualizada; g) a escrita saída da experiência acadêmica e assim por diante, como continuamos vendo (RESENDE, 2008, p. 20).

Típica de textos dessa seara, pairando na cena literária desde a virada de 70/80 e ganhando reconhecimento por uma profícua obra, a prosa ficcional do gaúcho João Gilberto Noll tem se destacado como uma das facetas dessa heterogeneidade de estilos que a crítica tem abordado sobressair na ficção brasileira contemporânea. Ao longo desse tempo, o escritor gaúcho tem tido recepção prestigiada de seus textos pela crítica acadêmica, produzindo obras as quais nos retiram da inércia, desequilibram nossos sentidos, rompendo os modelos convencionais da narrativa do romance realista e pondo em evidência uma visão do homem ou o evento de sua vivência / existência, confrontado com sua precariedade no mundo atual. Os sujeitos dos seus contos parecem distar do paradigma moderno de sujeito centrado. Ao contrário disso, os personagens de Noll passam por peregrinações, derivas, sob limitações ao narrar; muitas vezes, deixando apenas traços e vestígios da experiência e cenários esvaziados de progressão temporal¹.

1 Como em **Hotel Atlântico**, em que o personagem anônimo passa por diversas errâncias e sofrimentos, chegando a perder uma perna e, depois, os seus sentidos. Essas situações de angústias e trânsito podem se apresentar em várias de suas obras, como, por exemplo em **O anjo das ondas**, **Bandoleiros**, **O quieto animal da esquina**, **Rastros do verão**, entre outras.

Reconhecidamente, em seus textos são apresentados lugares comuns e transitórios que poderiam ser de qualquer cidade do mundo; com ruas sem nome, casas abandonadas, terrenos baldios, praças públicas, *shoppings*; as viagens são sem bagagem; os signos e cenários relatados e sentidos em Noll marcam a deriva de seus narradores, muitas vezes, narradores-personagens. De acordo com Sandro Ornellas (2010), o autor gaúcho possui uma ficção que engendra

Uma narrativa desejan-te, uma máquina de produção de sentidos múltiplos que explodem em parágrafos elípticos e sem pontos, encadeando forças significadoras suspensas temporariamente apenas por vírgulas, ou então se insinua em saltos espaço-temporais do narrado, saltos localizados nos signos impressos na página do livro, transformando o até então, “fora do texto” em “dentro” (ORNELLAS, 2010).

A narrativa de Noll provoca instabilidade de nossa compreensão acerca de corpo e identidade, pois estes se nos apresentam enquanto elementos de inquietude e de transição, imersos “na infrutífera busca do relacionamento humano dissolvido em nosso mundo” (NUNES, 2008, p. 249), questões essas que a crítica literária vem mostrando na produção nolliana.

Em seu livro **A máquina de ser** (2006), o escritor nos apresenta vinte e quatro contos cuja narrativa nos instiga a repensarmos a categoria tempo por meio da emergência de um mundo engolido pela compressão e pela velocidade temporais. Os contos da obra apresentam seus narradores em seu limite de suportabilidade entre encontros e desencontros, desejos e vontades, na busca de um sentido mais forte para suas existências; uma concreta e angustiante realidade produzida pelo momento, ou, em algumas vezes, certa escravidão de si mesmo e dos sistemas organizacionais estabelecidos, na sobrevivência entre a sina e o destino. Um dos narradores desta obra nos diz: “eu seria escravo e agora por inteira vocação” (NOLL, 2006, p. 45).

Evidenciam-se narrativas que muitas vezes sufocam, mas que comovem no sentido de “vivência, experimento e tentativa contínua de afetar leitores capazes de desafiar o mundo da representação e do real pela interpretação” (NUNES, 2008, p. 250), se pensarmos na ideia de literatura como “uma revolução permanente da linguagem”, como pensou Roland Barthes, em **Aula** (1987, p. 18).

Nesse sentido, as narrativas do livro muitas vezes nos instigam a pensar sobre a suposta indiferença / indiferenciação; a desapareção e desvanecimento do nome próprio; a banalidade saturada do cotidiano e o anonimato (marcas de nosso tempo); a incapacidade de pensar o político além do nosso silêncio e da nossa inaptidão de lidar com o desconhecido, assegurados de uma medíocre capa de segurança que perfaz nossos modos de existir no mundo, bem como nossas relações com as pessoas.

As histórias do livro são encabeçadas, em sua maior parte, por narradores-protagonistas: alguém que “conta a própria história e naturalmente conta de si o que deseja revelar, e dos outros à sua volta não só o que deseja, mas no máximo o que consegue ver e perceber” (JOSALBA, 2005, p. 17).

No conto “Monges”, objeto de análise de nosso trabalho (NOLL, 2006, p. 83-87), em um de seus passeios diários ao *shopping*, um homem (nosso narrador-protagonista, que é escritor, idoso) se defronta com a imagem misteriosa de outro por meio do reflexo da vitrine de uma loja. Essa imagem o perturba a ponto de ele não querer encarar o homem de frente e os dois seguem direções distintas. O narrador vai para a praça de alimentação e, em seguida, para o cinema. Compra seu bilhete e vai ao banheiro. Ao abrir a porta sem tranca da privada, bate-a no joelho do seu cara secreto. Pede desculpas e se dirige para a pia. Nesse instante, ocorre uma batida policial no banheiro. O guarda pede seu documento, confere e o libera. Em seguida, se dirige para o lugar onde estava o misterioso homem. O narrador vai embora e, no caminho, ouve o barulho de um tiro e continua sua caminhada, agora assoviando, na tentativa de disfarçar.

Além de apresentar um narrador anônimo, que ao mesmo tempo é personagem e que conduz nossas impressões por meio de suas (im)precisões, o conto revela uma potente significação de ambiguidade injetada na relação que se faz entre o narrador e o homem do reflexo, sugerindo-nos o tema do Duplo. O olhar superficial do narrador-protagonista num “ar um tanto evasivo em face da presteza de mais um dia útil” conseguiu notar algo que o tomasse de alerta: “esse rosto era de pronto misterioso, feito encarnando um chamado de outra esfera que não a daquela no *shopping*, em pleno jogo dos passantes” (NOLL, 2006, p. 84).

Dessa forma, elaboramos algumas conjecturas a partir da narrativa do conto observando o tema do Duplo, na expectativa de que por meio desta temática possamos contribuir para uma de possíveis leituras acerca da obra literária e o modo pelo qual esta dialoga com as elucubrações de nossa contemporaneidade. Certamente os dois homens do conto possuem algo em comum, haja vista o momento despendido durante o flagra no espelho e a confusão do policial em revistar os dois no banheiro. Nesse sentido, gostaria de abordar dois olhares, ambos a partir da ideia do Duplo, que emergem na interpretação do conto: seriam narrador-protagonista e personagem pessoas parecidas/idênticas ou que se desejariam?

O Duplo – Como Clone/Replicante

Sabe-se que a possibilidade de duplicar pessoas deixou de fazer parte apenas da imaginação. Nossos modernos aparatos tecnológicos já mostraram ser capazes de clonar animais e a clonagem humana tem sido muito discutida nos últimos anos; haja vista a alta sofisticação na nanotecnologia e na ciência genética. E a ficção, por sua vez, já respira criticamente a gestação desse material bruto da realidade e passa a explorá-lo esteticamente.

Entretanto, a ideia de duplicação humana não nos é contemporânea, podendo ser observada na ficção literária e na cultura ocidental há mais de dois mil anos. Ao longo desse tempo, a abordagem do corpo humano e de suas representações tem misturado fascínio e terror para os povos. Em tempo remoto, na visão de alguns, as pinturas e as esculturas eram nada mais que duplicações mágicas de pessoas reais. Além disso, é possível encontrar em alguns lugares pessoas septa ou octogenárias que não aprecia(va)m ser fotografadas, pois têm/tinham receio de ter sua alma aprisionada na foto ou que acreditavam que aquele (ou aquilo) que se apoderasse da imagem de seu corpo também se apoderaria da sua alma (PAZ, 1995, p. 143).

A imagem aciona nossos sentidos, nossa imaginação. Também a foto – ou a imagem técnica, como diria Vilém Flusser (1985) – possui essa propriedade imagética que nos encanta, pois reflete invertidamente numa superfície plana a nossa imagem capturada de um instante. Psiqué queria ver a face de Eros. Ninguém

poderia olhar para a górgona Medusa, pois se tornaria pedra. Narciso despendia muito do seu tempo para olhar sua imagem.

A imagem humana surge na história da humanidade aliada ao campo do sagrado, sempre venerada pelas religiões, muitas vezes, tendo proibidas algumas de suas representações. É a modernidade que promove sua dessacralização; por meio do desenvolvimento da fotografia e dos estudos da anatomia e da medicina modernas. Entretanto, dessacralizando o corpo, fez dele sua publicidade e o usou enquanto instrumento de propaganda e de intervenção (disciplinar, de controle e molecular).

Hoje, com os avanços da informática, da genética e do *design* é possível vislumbrar a hipótese de reduplicação da imagem e do corpo; fato este a confrontar-se com superstições e maldições contidas nas tradições e nos folclores de várias civilizações passadas.

No Ocidente, sob a simbologia do duplo ainda figura uma negatividade que Alexandre Figueiredo (2008) julga ter origem na tradição moral cristã, cuja crença está embasada em vedar “à Humanidade a possibilidade de ascensão à categoria de criadores”. O tema se remete à pretensão de o homem almejar sua elevação à categoria de divindade, aspecto este que o acompanha desde os primórdios; anterior até mesmo da própria noção de divindade sob a forma como é concebida hodiernamente (FIGUEREDO, 2008).

As narrativas que evocam a fabricação de criaturas à imagem do homem inscrevem-se assim numa genealogia particular [...]. Elas estendem-se por cerca de dois mil anos e o corpus por elas constituído é formado por cerca de uma dúzia de grandes textos, que põem em cena seres tão distintos como Pigmalião, o golem, os autómatos de Jacques de Vaucanson, a criatura do Dr. Frankenstein, os robots da ficção científica e o computador. [...] Evoca-se o projecto precedente de construção de uma tal criatura, mas criticam-se os seus métodos primitivos e inadequados. Cada época introduz a sua “solução moderna” para o problema colocado por essa construção. A modernidade será, assim, sucessivamente assumida pela magia, pela mecânica, pela automação, pela informática [...] pela biologia (e, pela nanotecnologia, acrescentamos nós – que constituirá a “solução moderna” para o problema na viragem do século XXI e, pelo menos até meados deste – assim o projecto actual seja efectivamente cumprido). O projecto em si mesmo faz prova de uma notável permanência através do tempo (FIGUEIREDO *apud* BRETON, 2008).

Observando bem, este tema (ou de suas variantes como a sombra, o espelho, as criaturas artificiais, os autômatos, as réplicas, os clones etc.) vem sendo abordado por diferentes narrativas, seja na literatura e no cinema, seja na religião e na ciência, seja na arte e na filosofia. Nesses mais de dois mil anos de cultura judaico-cristã, ele se realiza na criação artificial, que permanece como sendo aquilo que é criado à semelhança humana, podendo possuir comportamento ético e moral, além de habilidades até impossíveis para a atividade humana, mas que ainda permanece inferior ao seu criador no que se refere à completude existencial.

Na literatura, o assunto é explorado há muito tempo; tanto na literatura contemporânea quanto em autores canônicos como Mary Shelley, Oscar Wilde, Lewis Carroll, Shakespeare, Corneille, Molière, Lope de Vega, Aristófanes e outros.

O duplo do humano se coaduna com a noção do Outro, às vezes, como espelho, e outras, como sombra; alteridade que nos interroga e nos perturba sem dizer nada. Comumente na literatura, mesmo ele superando a capacidade humana, quando surge, o duplo ainda aciona os “fantasmas” e os medos humanos, convocando o controle no sentido de eliminar essa forma perversa e ilegítima.

Estão contidas nele não somente as noções de criação e de poder, mas também as de terror e de destruição, de fascínio e de perigo. De acordo com Otto Rank (1936), o duplo carrega a ambiguidade de replicação da vida como forma a impedir a morte de si-mesmo. Dito de outra forma, a criação de outra imagem possui a função e “a necessidade de construir uma imagem na qual reconheça a si mesmo; delinear sua essência representa deparar-se com sua natureza dissolvente de seu caráter paradoxal” (ASSY, 2007). Trata-se de um destino do humano em que ao mesmo tempo se consente e se recusa a dissolução.

De certa forma, o duplo repercute ligado à ideia do artificial, do outro, do diferente, do monstruoso, do perigoso e do “sombrio”. A passagem do Gênesis, por exemplo, expõe a sina de ameaça sub-reptícia de insurgência da criatura contra seu criador, quando Adão e Eva provam do fruto que lhes fora proibido, desobedecendo ao seu Criador. Dessa maneira, os efeitos particularmente poderosos (arrogância intelectual) das criaturas do Éden estão aliados à sua desobediência e à sua expulsão do paraíso por parte do Criador.

Em nossa contemporaneidade, com o otimismo alcançado pelos avanços tecnológicos e com o surgimento de novas ciências, como a cibernética, o tema do duplo permanece com alguns significados da tradição cultural, mas derroca outros por meio da rediscussão de concepções pilares da modernidade mecanicista e humanista ocidental (original X cópia, natural X artificial, vida X morte, humano X não-humano, orgânico X cibernético etc.), irrompendo os seus contornos semânticos.

As discussões sobre o clone e o *cyborg*, tanto pela literatura de ficção científica quanto pelos avanços nas ciências médicas e na biocibernética, impõem uma fratura entre o que é orgânico e o que é artificial quando são notadas algumas existências híbridas por meio da inserção de elementos prostéticos em humanos, confundindo, por sua vez, ficção e realidade.

Em contrapartida, mesmo se abordando a possibilidade de duplicação / reprodução da vida ou se hibridizando os seres, ainda pairam questionamentos importantes (FIGUEIREDO, 2008): pode se considerar vida o Outro? O Outro possui existência / vida própria? O Outro representa a extensão do humano ou faz parte de um processo de transformação do humano? Seria o Outro ainda um outro?

Tais questões têm sido pertinentes quando, no presente caso, observadas nas leituras de “Monges”. Se perscrutarmos outros temas que a interpretação da narrativa aciona, percebemos que não se trata apenas do tema do duplo, mas também do anonimato, da fragmentação do sujeito e da identidade; da disciplina e do controle dos corpos na cidade, assuntos estes caros à nossa atualidade.

Na leitura do conto de Noll, por exemplo, a possível presença de um clone / réplica / androide contribui ainda mais para a pluralidade dos significados trabalhados na narrativa. Como visto anteriormente, o duplo possui seu estatuto simbólico na psique através da história humana, mas o clone marca uma inovação nesse tema quanto à questão da presença física, ou seja, da existência na realidade empírica. E é nessa fronteira entre o físico e o simbólico que se estabelece a relação entre o narrador-protagonista e o personagem misterioso do reflexo na vitrine.

O que se é narrado seria o encontro fugaz do narrador com o seu duplo ou com o seu clone? Esse questionamento suscita uma das questões contundentes deste texto, bem como de outros textos de Noll, que é o estatuto vacilante das

identidades. Por duas vezes, o narrador é solicitado a mostrar seu documento de identidade: primeiro, pela atendente da bilheteria do cinema, que precisava checar a idade do narrador, para decidir se ele tinha direito à meia-entrada; depois, pelo policial que quer se certificar de que o narrador não é o homem que está sendo procurado (NOLL, 2006, p. 86-87). Não é por acaso que quando o guarda do *shopping* adentra o banheiro, dirige-se ao narrador e lhe pede o documento de identificação, averigua pelo rádio, libera-o e vai para a privada em busca do outro.

Ao principiar seu relato, no início do conto, o narrador já assume uma posição de ambiguidade ao contar uma história pela qual se encantou (“Foi num dia assim que eu me encantei por essa história” / “Pois foi num dia assim que me encantei por essa história”) e promover nosso enredamento à história, tal qual uma Sherazade que não cessa de narrar, de contar, adiando a hora da morte. Ele é um escritor (“No recesso, dava continuidade à escrita de um romance ou tentava reler algum autor fecundo de minha primeira formação”) e, ao mesmo tempo, leitor dessa (sua) história.

O uso preponderante de palavras coloquiais contribui para esta aproximação entre narrador e leitor, locutor e ouvinte como reforço a uma fala. O dêitico “assim”, usado na linguagem padrão para retomar elementos ou assuntos anteriores é usado no texto para evocar elementos e explicações que estão por vir (“Pois foi num dia assim que me encantei por essa história. Nesse passeio pelo *shopping*, eu fitava...”).

O(s) espaço(s) relatado(s) (*shopping*, praça de alimentação, banheiro) no conto reforça(m) a ideia de anonimato e de mistério dos dois homens em meio à multidão: “Conhecia pouca gente na cidade. De modo que, praticamente, não havia o perigo de alguém me reconhecer ao léu dessas veredas” (NOLL, 2006, p. 83). Por acaso, fazia(m) ele(s) algo perigoso, ameaçador?

Também envolvido de mistério se encontrava o personagem, que não era consumidor, mas um transeunte qualquer, pois “esse rosto era de pronto misterioso, feito encarnando um chamado de outra esfera que não a daquela no *shopping*, em pleno jogo dos passantes” (NOLL, 2006, p. 84). Tratava-se de um rosto e dele era possível suspeitar outros interesses, outros desejos que não os de consumir. Logo, a suposta identidade de consumidor(es) é dúbia. Com efeito, o narrador também não

era consumidor, pois costumava perambular “pelo *shopping* sem exigências práticas” (NOLL, 2006, p. 83).

O narrador é o artífice desse relato contando a dimensão dupla da sua identidade – a dele em contato com o homem do reflexo (física/simbólica) e a do seu RG (jurídica), e o duplo no conto emerge com essa característica especular: os dois se olham, miram-se “íris com íris”, (re)conhecem-se e se relacionam identificando-se um com o outro.

A máquina de ser(es) e a(s) Identidade(s)

É sabido que a identidade não se fixa apenas no documento registrado. Ela se refere às marcas socioculturais do sujeito. Entretanto, a própria noção de sujeito passou por uma revisão crítica nos últimos tempos (HALL, 2001) devido ao seu descentramento na modernidade globalizada, ou seja, do desfazimento da concepção de sua unicidade a partir das contribuições e reviravoltas que algumas ciências e os movimentos sociais proporcionaram. Perante essa instabilidade do estatuto do sujeito, põe-se, por sua vez, em crise o próprio projeto de identidade. Dito isto, quando perscrutamos sobre a identidade do narrador do conto confrontada à possibilidade de existência física de seu duplo, podemos observar que nem o corpo se torna elemento garantidor da singularidade do indivíduo.

Na introdução do filme **Blade Runner** (1982), de Ridley Scott, surge um letreiro:

No início do século XXI, a Tyrell Corporation avançou na evolução de um androide para a fase Nexus – um ser virtualmente idêntico aos humanos – conhecido como Replicante. Os Replicantes Nexus 6 eram mais fortes e ágeis e, pelo menos, tão inteligentes quanto os engenheiros genéticos que os criaram. Os Replicantes eram utilizados como escravos fora da Terra, na arriscada exploração e colonização de outros planetas. Após uma revolta de uma equipe de combate Nexus 6, em uma dessas colônias, os Replicantes foram declarados ilegais na Terra – sob pena de morte. Brigadas especiais de polícia – as Unidades Blade Runner – tinham ordens para atirar para matar quando detectassem qualquer Replicante. Isto não era chamado de execução. Chamava-se Afastamento.

Se se pensar na existência dos replicantes de **Blade Runner** ou na dos clones, como ter a mínima pretensão de identidade, se até aquilo que materializava a nossa suposta singularidade – nosso corpo – está em vias de ser replicado? O

ataque à ideia falsa de unicidade da identidade é, no conto de Noll, igualmente proveniente dos mecanismos contemporâneos de réplica do sujeito, da maquinaria econômico-política de governabilidade dos corpos em cuja programação subsidia a clonagem de indivíduos, na produção em série de sujeitos, não com mesma aparência, mas com mesmos traços de consumo, de comportamento, ideias etc.

É a cultura que nos clona e a clonagem mental precede, e muito, a clonagem biológica. É o saber hoje que nos clona culturalmente sob o signo do pensamento único. (...) É através do sistema da escola, da mídia, da cultura e da informação de massa que os seres se tornam cópia fiel uns dos outros (BAUDRILLARD, 2002, p. 43).

Nessa perspectiva, com relação à questão da identidade e da hipótese de clone, poderíamos sugerir que, mesmo não sendo uma réplica biológica do narrador, o personagem poderia ser seu clone cultural (PEREIRA, 2008), pois os dois se encontram no espaço da catedral das mercadorias, que é o *shopping*. São, em primeira visada, consumidores. E o *shopping* é um espaço social fruto dessa sociedade moderna em que tudo é vitrine, corpos se misturam com manequins, onde a visualidade e a sensorialidade cromática são estimuladas. É nessa satisfação e vivência, exemplificadas nesse *plug* e *desplug* das relações, com vantagens e desobrigações, que o narrador busca em anonimato no *shopping*.

Tal como ocorre a necessidade de se efetuar o Afastamento em **Blade Runner**, em “Monges”, uma das hipóteses que surge no final do conto é o eco da dimensão tradicional do duplo: a destruição da cópia, ou seja, a eliminação dessa ameaça.

Em **Shopping Center** – a catedral das mercadorias, Valquíria Padilha sugere uma identificação do *shopping* não apenas como espaço de consumo de mercadorias, mas também como *locus* de construção de identidade e as visualidades e as sensorialidades se traduzem pela necessidade de os indivíduos serem vistos e percebidos uns pelos outros, criando “novas relações interpessoais e novas formas de subjetividades que revalorizam o sentido do eu no seu aspecto físico (do corpo) e mental (da psique)” (PADILHA, 2006, p. 134).

Há pouco tempo, com a revolução de 68, imaginava-se que com a conquista da liberdade sexual seria possível acabar com o comércio dos corpos e das imagens eróticas. Infelizmente, de acordo com Octavio Paz,

A sociedade capitalista democrática aplicou as leis impessoais do mercado e a técnica da produção em massa na vida erótica. Assim a degradou, embora como negócio tenha tido grande sucesso. (...) O erotismo transformou-se num departamento da indústria da publicidade e num ramo do comércio (PAZ, 1995, p. 142-144).

Paul B. Preciado (2008) vai mais além:

Durante el siglo XX, período en el que se lleva a cabo la materialización farmacopornográfica, la psicología, la sexología, la endocrinología han establecido su autoridad material transformando los conceptos de psiquismo, de libido, de conciencia, de feminidad y masculinidad, de heterosexualidad y homosexualidad en realidades tangibles, en sustancias químicas, en moléculas comercializables, en cuerpos, en biotipos humanos, en bienes de intercambio gestionables por las multinacionales farmacéuticas (PRECIADO, 2008, p. 32).

Hoje, sem discussões filosóficas, até para comprarmos nossas roupas, nada melhor que encontrar o vestuário já comportado em um manequim de tamanho e estrutura próximos a nossos corpos. Isso tudo para facilitar nossa imaginação e podermos nos vislumbrar, através desses produtos, nossos corpos vestidos com essa roupa.

A modernidade se desenvolve com essa dessacralização do corpo, mas também com uma ascendente cultura de produção e de consumo vinculada à urbanização e à formação das grandes cidades. O uso do corpo duplicado / representando / repetido / fabricado para visualizações de nossas necessidades se tornou a alma e a intervenção de vários negócios; e a TV e o *shopping*, como grandes vitrines, os lugares mais eficientes para o consumo de imagens humanas capturadas e replicadas pelo dinheiro.

Essa cultura de consumo é para Zygmunt Bauman (2008) culminância e transição da sociedade de produtores para uma sociedade de consumidores. Esse caminho de transição exigiu uma (re)comodificação do capital e do trabalho, os quais, por sua vez, passaram por processos gêmeos de desregulamentação e privatização contínuas. Aparentemente, esses processos parecem irreversíveis, embora incompletos. Exemplos podem ser percebidos nos freios jurídicos que vêm sofrendo os sindicatos, os baixos custos da mão-de-obra, as barganhas feitas entre governo e sindicatos com relação à proteção do emprego etc.

A recomodificação do trabalho, alavancada pelos processos de desregulamentação e privatização, propiciou mudanças no comportamento com relação à “vendabilidade” da mão de obra. O que antes eram meras preocupações do Estado, das fábricas e de sindicatos passam a ser responsabilidade dos indivíduos. Segundo Bauman,

Estes são agora aconselhados por políticos e publicitários a usarem seus próprios recursos e bom senso para permanecerem no mercado, aumentarem seu valor mercadológico, ou pelo menos não o deixarem cair, e obterem o reconhecimento de potenciais compradores (BAUMAN, 2008, p. 64).

Exemplo está na expressão: profissional para toda obra. O mais gritante, e já notado, é que essa tarefa de recomodificação do trabalho foi transferida do Estado para o mercado. Nesse sentido, quando observamos o princípio do consumo que impera no universo do *shopping* e a importância deste na construção da identidade de consumidores das pessoas que lá transitam, podemos elucubrar que narrador e personagem transgridem a “ordem” do lugar, pois não estão comprando.

Ressalta-se que até mesmo quando o narrador senta na praça de alimentação, ele relata a impossibilidade de consumo dos alimentos, haja vista as restrições médicas ditadas a ele que é idoso (“Fazia um tratamento médico que me proibia quase tudo de comer que se oferecia por ali”, “Refrigerantes nem pensar, mesmo os *lights*”, “O certo é que eu era um homem sem permissão para alguma pequena refeição, nem ao menos o sorvete de creme que eu amava, nada”).

A dupla – encontros fugazes no *shopping*

Como dito anteriormente, seriam narrador-protagonista e personagem pessoas parecidas/idênticas ou que se desejariam? Possivelmente, os dois homens do conto possuem algo em comum, haja vista o momento despendido durante o flagra no espelho e a confusão do policial em revistar os dois no banheiro.

O olhar superficial do narrador-protagonista num “ar um tanto evasivo em face da presteza de mais um dia útil” (NOLL, 2006, p. 84) conseguiu notar algo que o tomasse de alerta: “esse rosto era de pronto misterioso, feito encarnando um chamado de outra esfera que não a daquela no shopping, em pleno jogo dos passantes” (NOLL, 2006, p. 84). O narrador deixa subjacente que o rosto do seu

personagem se diferenciava dos passantes do *shopping* (“Que não haveria lugar para um encontro nosso do lado de cá, fora daquela espécie de dádiva gratuita entre as mercadorias expostas na vitrine” (NOLL, 2006, p. 85)).

O narrador e o personagem de Noll, predestinados a caminhos errantes, se cruzam; não constituem elos, mas dos encontros homoeróticos há a busca e o desejo do outro. Da sua solidão e da sua errância surge a possibilidade do encontro casual e fugaz que, por sua vez, os encaminha para a paquera homoerótica dentro do banheiro.

Os sentidos têm o poder de nos fazer ler as sensações olfativas, auditivas etc. São nossos servidores da imaginação. Também o encontro erótico se faz de sensações. O erotismo é a representação dessas sensorialidades por meio da linguagem. Ele é metáfora em que a imaginação reinventa nosso desejo:

Não seria melhor deixarmos de nos olhar pelo reflexo do vidro já, agora, para nos enfrentarmos enfim, íris com íris de uma vez por todas? (...) Senti de imediato o calor que vinha desta pele alheia. Dava ainda para surpreender seu cheiro, levemente, um cheiro anterior a musa-natureza, feito de um fogo em lava, de horas contadas, venal... (NOLL, 2006, p. 84).

Segundo Paz: “o erotismo varia de acordo com o clima e a geografia, com a sociedade e a história, com o indivíduo e o temperamento. Também com a ocasião, a sorte e a inspiração do momento” (PAZ, 1995, p. 16-17). O erotismo ignora o dia e a noite, sendo que no ritual erótico, o prazer se torna um fim em si mesmo. A reflexão em torno do (homo)erotismo em Noll perpassa as redes de circulação subjetivas disseminadas pelo ambiente urbano, estimuladas e interpeladas pela vida moderna. O movimento contínuo de pessoas e de objetos, característica peculiar das metrópoles, torna uniformes os indivíduos, suas relações e atitudes, sobrepondo-se as possíveis individualidades.

O homem homoerótico é representando nas estruturas urbanas pela intolerância às suas relações e individualidades nas frequentes afinidades impessoais e anônimas. As facilidades e constâncias nos encontros sexuais, no caso das relações homoeróticas, nas visões de Michel Foucault (2005) criam tipos de variações que dão reforço ao prazer do ato (FOUCAULT, 2005, p. 34-35) por meio de relações multiformes e criando novos modos de existência.

As subjetivações do prazer do ato sexual são emaranhadas nas zonas urbanas por meio dos encontros casuais nos locais coletivos (banheiros públicos, cinemas, praças, praias, bosques, *shoppings*, rodoviárias etc.) que, segundo a leitura de Néstor Perlongher (1987, p. 156), possibilitam um encontro erótico. Estes locais se tornam “espaços de circulação desejante” (PERLONGHER, 1987, p. 157) refletidos nos processos históricos de marginalidade e de clandestinidade dos contatos homoafetivos. Noll aprofunda essa “vivência” (homoerótica e homosocial) contemporânea, numa conduta radical que seria, aliás, efusivamente saudada por um dos leitores de sua obra. De acordo com Sandro Ornellas, em texto postado no sítio do escritor:

Movidos pelos ventos dos acontecimentos, seus narradores/personagens percorrem as infinitas veredas do ser, não em busca de uma essência interior não-encontrável, mas como forma de criação existencial. Não há dicotomias fáceis em suas tramas, aliás, suas tramas não são tão facilmente resumíveis. Realidade e imaginário, tempo e espaço, homem e mulher, passado e presente, dentro e fora, tudo se perde nos fluxos narrativos que compõem uma espécie de desejo em estado de escritura bruta. Em moto contínuo, é comum o narrador avançar e recuar na sua história dando uma impressão de sonho ou delírio psicótico extremamente impactante (ORNELLAS, s/d).

E no caso de “Monges”, a narrativa de Noll acerca da dupla narrador-personagem pôde servir de registro acerca das questões das errâncias sexuais e das relações homoeróticas acentuadas nos espaços desejantes, nos quais o sexo se torna mercadoria inserida nos contextos socioeconômicos e culturais, gerado por meio das liberdades subjetivas.

Referências

ASSY, N. **O Duplo na Literatura:** reflexão psicanalítica. *In:* <http://www.cronopios.com.br/site/ensaios.asp?id=2931>. Postado em 14 Dez 2007. Acesso em 16 Jul 2011.

BARTHES, R. **Aula.** Trad. e Posfácio de Leyla Perrone-Moysés. São Paulo: Cultrix, 1987.

BAUDRILLARD, J. **A troca impossível.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

BAUMAN, Z. **A Vida para o consumo:** a transformação das pessoas em mercadoria. Trad.: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

CARNEIRO, F. **No país do presente**: ficção brasileira no início do século XXI. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

FIGUEIREDO, A. **O Homem e o seu Duplo**. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/figueiredo-alexandre-o-homem-e-o-seu-duplo.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2008.

FLUSSER, V. **Filosofia da caixa preta**. São Paulo: Hucitec, 1985.

FOUCAULT, M. **Um diálogo sobre os prazeres do sexo Nietzsche, Freud e Marx**. 2. ed., São Paulo: Landy, 2005.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad.: Tomás Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 6a. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

JOSALBA, F. dos S. "Diferentes olhares em João Gilberto Noll". In: **Todas as Letras G**. São Paulo. Ano 7, n. 7, edição especial, 2005, p. 17-23.

NOLL, J. G. **Hotel Atlântico**. São Paulo: Francis, 2004.

_____. **A máquina de ser**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

NUNES, T. T. da S. "Homem: vida e contravida em João Gilberto Noll". **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade**, nº 34, p. 249-264, 2008.

ORNELLAS, S. "A narrativa subjetivante de João Gilberto Noll". In: **Revista Verbo – Cultura & Literatura**. BA: Salvador, nº 21. Disponível em: <<http://www.joaogilbertonoll.com.br/estudos.html>> Acesso em: 23 abril 2010.

PADILHA, V. **Shopping center**: a catedral das mercadorias. São Paulo: Boitempo, 2006.

PAZ, O. **A dupla chama** amor e erotismo. Trad. de Wladyr Dupont. São Paulo: Siciliano, 1995, 2a. ed.

PEREIRA, M. de S. "**A máquina de ser**: identidades em abismo na ficção de João Gilberto Noll". In: **XI Congresso Internacional da ABRALIC – Tessituras, Interações, Convergências**. 13 a 17 de Jul de 2008.

PERLONGHER, N. **O negócio do Michê**: a prostituição viril. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PRECIADO, P. B. **Testo Yonqui**. Madrid: Espasa Calpe, 2008.

RANK, O. **O duplo**. Rio de Janeiro: Coeditora Brasília, 1936.

RESENDE, B. **Contemporâneos**: expressões da literatura brasileira no século XXI. Rio de Janeiro: Ed. Casa da Palavra, 2008.

SANTIAGO, S. **Nas malhas das Letras**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SANTOS, C. D. Ser escritor. *In.*: **Alguma prosa**: ensaios sobre literatura brasileira contemporânea. Org. Giovanna Dealtry, Masé Lemos, Stefania Chiarelli. Rio De Janeiro: 7Letras, 2007.

SCHOLLHAMER, K. E. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, (Coleção contemporânea: Filosofia, literatura e artes).

Recebido em 29 de fevereiro de 2016
Aceito em 06 de maio de 2016